Artigo original Recebido em: 21/11/2022 Parecer emitido em: 19/12/2022

LOUREIRO, W.; SILVA, A.R. da; SOUSA, G.R. de; OLIVEIRA, M.S. de; ARAÚJO, M.P.M.; Um aluno psicopata nas aulas de educação física: relatando experiências. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v.21, n.04, p.55-62, 2022. ISSN; 1981-4313.

UM ALUNO PSICOPATA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: RELATANDO EXPERIÊNCIAS

Walk Loureiro[1]
Arthur Romagna da Silva[2]
Galdino Rodrigues de Sousa[3]
Mário Silva de Oliveira[2]
Michell Pedruzzi Mendes Araújo[4]
[1]Associação Vitoriana de Ensino Superior – IESFAVI; Instituto Oswaldo Cruz – IOC/FIOCRUZ
[2]Universidade Federal do Espírito Santo
[3]Universidade Federal de Juiz de Fora
[4]Universidade Federal de Goiás

RESUMO

Este texto refere-se a um relato de experiência sobre o processo pedagógico de trabalhar com a disciplina Educação Física durante o ano letivo de 2021 em uma escola da Rede Municipal de Educação de Vitória, Espírito Santo, com um aluno do nono ano do Ensino Fundamental com um diagnóstico (quase) fechado de psicopatia. Para além dos sentimentos e dos medos que a situação impôs ao docente responsável por essas aulas, o texto apresenta o processo de construção de conhecimento do professor responsável que o fez compreender as principais características de um sujeito psicopata e sua maneira de interagir com o mundo que o cerca. Como resultados aponta que o professor de Educação Física deve evitar trabalhar com grandes blocos de conteúdo que podem levá-los a estados de excitação como lutas e práticas corporais de aventura/radicais. Caso decida trabalhar com os mesmos, recomenda-se atenção redobrada e segurança reforçada tendo em vista a excitação que colocar-se em risco ou levar algum de seus colegas a se arriscar pode provocar em pessoas psicopatas. Por fim, o texto conclui ser papel da escola e de seus professores contribuir com o pleno desenvolvimento dos estudantes, independente deles serem psicopatas ou não.

Palavras-chave: Psicopatia. Educação Física. Cuidados. Perigos. Relato de experiência.

A PSYCHOPATH STUDENT IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES: REPORTING EXPERIENCES

ABSTRACT

This paper presents an experience report through which some experiences are narrated about what it was like to work with the Physical Education discipline during the 2021 school year in a school of the Rede Municipal de Educação de Vitória, Espírito Santo, with a ninth grade student of Elementary School with an (almost) closed diagnosis of psychopathy. In addition to the feelings and fears that the situation imposed on the teacher responsible for these classes, the text presents the process of construction of knowledge of the responsible teacher that made him understand the main characteristics of a psychopathic subject and his way of interacting with the world that surrounds him. As a result, it points out that the Physical Education teacher should avoid working with large blocks of content that can lead them to states of excitement such as fights and adventurous/radical bodily practices. If you decide to work with them, it is recommended that you pay extra attention and reinforce safety in view of the excitement that putting yourself at risk or taking one of your colleagues to take risks can cause psychopathic people. Finally, the text concludes that it is the role of the school and its teachers to contribute to the full development of students, regardless of whether they are psychopaths or not.

Keywords: Psychopathy. Physical Education. Care. Dangers. Experience report.

INTRODUÇÃO

A inclusão das pessoas com deficiências, síndromes e transtornos tem sido discutida por pesquisadores da Educação Física brasileira (CHICON; SÁ, 2011; ANTUNES *et al*., 2017), refletida e colocada em prática por professores e estagiários desta área do conhecimento nas escolas do país. O mesmo não se pode afirmar a respeito das pessoas com transtornos mentais como a psicopatia nas escolas e/ou nas aulas de educação física, ainda que saibamos que esses sujeitos existem e frequentem as escolas, necessitando de cuidados para que também possam ser educados e protegidos.

Diante da ausência de discussões teóricas (e mesmo práticas) no Brasil sobre Educação Física e psicopatia (verificada no Portal de Periódicos da CAPES, na Biblioteca Eletrônica SciElo), nos interessou construir este relato de experiências (RE) para apresentar as aprendizagens obtidas durante o ano letivo de 2021 em uma das Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEFs) da Prefeitura Municipal de Vitória (PMV) nas quais os dois primeiros autores deste texto trabalharam com um aluno que apresentava diagnóstico com indicativos de se tratar de uma pessoa psicopata.

Esse aluno, que chamaremos de Pedro (para preservar sua identidade) tinha 15 anos de idade e possuía um laudo indicando: sintomas de psicopatia, comportamento agressivo com ameaças de ferir terceiros ou a si mesmo se acreditasse enfrentar alguma situação ameaçadora, sintomas delirantes, bem como transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), associados ao transtorno opositor desafiador (TOD).

A ideia de construir este RE se deve ao nosso desejo de contribuir para que os docentes de educação física, que venham a trabalhar com alunos com traços de psicopatia, possam ter à disposição elementos que os ajudem a superar o pânico inicial vivenciado por seu professor quando soube que possuía um psicopata entre seus alunos.

Abrimos um parêntese para explicar que, apesar de nos utilizarmos do termo psicopata para nos referirmos a Pedro (afinal seu diagnóstico está bem consolidado neste sentido), convém ressaltar que o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) deixa claro que é preciso esperar até os 18 anos de idade para se fechar a identificação da psicopatia. Fechado o parêntese, convém lembrar que as representações sociais que construímos e mantemos em torno da psicopatia ao longo de novas vidas é alimentado pela grande mídia que tem um importante papel na construção da impressão equivocada de que todos psicopatas são, sem distinções, assassinos em série em potencial. Isso faz com que atribuamos, erroneamente, o rótulo de psicopata a praticamente toda e qualquer pessoa que comete qualquer crime cruel, por vezes, hediondo. Sobre essa questão Hare (2013, p. xi) sabiamente chama a nossa atenção para o fato de que:

> Os meios de comunicação estão repletos de relatos comoventes de crimes violentos, escândalos financeiros e violações da confiança das pessoas. Incontáveis filmes e livros apresentam histórias de *serial killers*, golpistas e membros do crime organizado. Embora muitos desses relatos e retratos sejam de psicopatas, outros não o são, e essa distinção importante com frequência não é feita nem nos meios de comunicação, nem na indústria do entretenimento, portanto, não é percebida pelo público (HARE, 2013, p. xi).

Para aumentar o desconforto do professor de educação física ele ouviu de sua pedagoga a seguinte afirmação instantes antes de ir dar a primeira aula daquele ano letivo para a turma de Pedro: "Não sei se já te contaram, mas você tem um aluno diagnosticado com psicopatia em uma de suas salas. Evite virar de costas para Pedro, pois nunca se sabe o que ele é capaz de fazer".

Após a referida conversa e, especialmente, após dar aquela aula quase que com o "modo de alerta" ativado, o professor começou a se questionar, por diversas vezes, as seguintes questões: Não seria demasiado arriscado para professores e alunos ter um aluno psicopata no ambiente escolar? Haveriam riscos que um aluno psicopata pudesse representar para si e para seus colegas nas aulas de educação física? Se a resposta for positiva, quais seriam esses riscos e como evitá-los?

Foi na busca por essas e por outras respostas que ele decidiu se colocar em formação continuada na busca por conhecimentos construídos por investigadores que discutem a psicopatia de maneira a fazer com que tais conhecimentos pudessem ser trazidos para o âmbito educacional, especialmente da Educação Física. É com o desejo de trazer respostas para as questões apresentadas no parágrafo anterior que o artigo foi construído da maneira que o leitor verá a seguir.

METODOLOGIA

Esta pesquisa corresponde a um estudo de abordagem qualitativa que busca descrever com riqueza de detalhes o fenômeno que apresenta. A metodologia empregada para sua construção foi o RE que se valeu

da reflexão das experiências registradas no diário das aulas que foi construído durante o ano letivo de 2021, aliado ao estudo de revisão realizado sobre a psicopatia, escola e educação física.

Na opinião de Cox e Meerts (2015) o RE é fruto do trabalho da vida real e que conta com o desejo e a expectativa de quem o constrói em trocar ideias, compartilhar experiências, construir saberes a partir daquilo que foi posto em prática. O diário foi usado por ele servir de fonte de conteúdo para fatos e os significados das situações vividas e fruto de experiências que tivemos com o aluno retratado neste relato (MARCONI; LAKATOS, 2021). O estudo de revisão corresponde ao processo indispensável a leitura de alguns trabalhos de referência sobre o tema estudado e/ou problemáticas ligadas a ele (CAPENHOUDT; MARQUET; QUIVY, 2019). Trata-se de um esforço necessário tendo em vista que "Não existe pesquisa sem leituras. Pois nenhum tema é radicalmente novo, e nenhum pesquisador pode pretender avançar sem o capital dos conhecimentos adquiridos em determinada área" (KAUFMANN, 2013, p.63).

Para a realização do estudo de revisão fizemos consultas no Portal de Periódicos da CAPES e na Biblioteca Eletrônica SciElo dos seguintes verbetes combinados: "educação física; psicopatia"; "educação; psicopatia"; "escola; psicopatia", não encontrando sequer um texto que tratasse da temática da psicopatia no âmbito escolar. Diante da ausência de textos acadêmicos publicados em periódicos encontramos livros que tratam da psicopatia e discutem as principais características desses sujeitos. Dessa maneira, as anotações realizadas no diário e o estudo de revisão realizado auxiliaram-nos a relembrar, refletir e ressignificar nossas experiências e a construção de conhecimento que foi (e ainda continua sendo) lograda neste processo. É sobre todo esse processo de aprendizagem e construção de conhecimento que este texto tratará a seguir.

O QUE É PSICOPATIA E QUAL A SUA ETIOLOGIA?

Durante muito tempo acreditou-se que os sujeitos psicopatas teriam estruturas cerebrais diferentes dos não psicopatas, mas análises cerebrais *post-mortem* realizadas nos cérebros desses sujeitos provou não haver diferenças morfológicas, nem mesmo anatômicas entre o cérebro de psicopatas e não psicopatas (DUTTON, 2018). De acordo com Dutton (2018) e Viding (2019) não há qualquer estrutura no cérebro que explique a psicopatia. Afinal, nunca foram encontradas estruturas cerebrais de tamanhos diferentes, lesões, ferimentos, danos hemorragias, entre outras que servissem para justificar o comportamento dos psicopatas.

O fato é que a psicopatia corresponde a um transtorno mental cuja etiologia não é consensual, havendo pesquisadores que acreditam que ela pode ser causada: (1) pela genética e/ou por fatores biológicos; (2) por estímulos ambientais nocivos como maus tratos, abusos, extrema pobreza e rejeição; (3) pela combinação de genética/biologia e fatores ambientais (HARE, 2013). Independentemente de sua origem, não há dúvidas que os sujeitos psicopatas apresentam um processamento neural atípico que os faz processar emoções de maneira muito diferente das demais pessoas. Isso as leva a não apresentar empatia e tampouco sentir culpa pelas próprias ações e pelo que acometem as outras pessoas (VIDING, 2019).

Também podemos encontrar outras obras da literatura internacional a respeito da psicopatia, discutidas por Flexon e Encalada (2020), que diferenciam o que seria a psicopatia primária e a psicopatia secundária. A primeira, indiscutivelmente idiopática e provavelmente inata, é considerada a "verdadeira psicopatia", tendo associação com ações nas quais o psicopata demonstra, desde sempre, a falta de afeto, a falta de remorso pelas ações, a insensibilidade. Já a segunda, considerada uma psicopatia adquirida, parece corresponder a uma adaptação ao abuso, à negligência, à rejeição e à insensibilidade sofrida durante o período infantil.

Independentemente da origem ou da nomenclatura dada para essa doença mental, o fato é que pessoas psicopatas vivem entre nós na sociedade. Segundo Serafim, Rigonatti e Barros (2020) a proporção chega a ser de quase 1% da população mundial, motivo pelo qual é quase impossível que não nos deparemos com elas no espaço escolar, algumas vezes como nossos alunos na educação básica. Por esse motivo é muito importante compreendermos o que significa a psicopatia, como identificar possíveis casos e como lidar com ela. Ainda que Viding (2019) acredite ser equivocado atribuir o rótulo de psicopata às crianças – já que eles estão em pleno desenvolvimento e os resultados desse processo não são fixos – o pesquisador afirma existirem algumas características psicopáticas que esses indivíduos podem expressar.

Os principais traços que podemos facilmente observar na escola e que devemos estender para a vida cotidiana, são: manter um padrão antissocial com professores e colegas; não demonstrar arrependimento por ações inadequadas; ameaçar, constranger ou intimidar companheiros de turma; não apresentar empatia com o outro; envolver-se cotidianamente em brigas físicas; agressividade com resposta desproporcional aos conflitos com os quais se envolve; crueldade emocional e/ou física com algum estudante; insistência em manter mentiras ou ignorar que as contou mesmo quando todos têm consciência da verdade. Em casa os responsáveis pela criança também podem verificar, além dos comportamentos anteriores, a ocorrência de agressões constantes a animais e parentes menores, por vezes beirando a crueldade (HARE, 2013; VIDING, 2019).

Os professores das escolas precisam compreender que as características citadas acima têm apenas o objetivo de apresentar-lhes os principais comportamentos dos sujeitos psicopatas, sem desejar criar nessas instituições mais um viés capacitista, classificatório e hierarquizador entre alunos não psicopatas e psicopatas. Também é muito importante saber que, segundo Hare (2013) e Dutton (2018) o que diferencia psicopatas de não psicopatas é o funcionamento do cérebro. As ondas cerebrais emitidas por psicopatas são diferentes das pessoas não psicopatas: pessoas não psicopatas emitem ondas cerebrais teta (θ) apenas quando estão em estado de sonolência, meditando ou com sono; sujeitos psicopatas emanam essas mesmas ondas cerebrais em estado normal, bem como quando se encontram muito excitados, especialmente quando percebem que estão manipulando ou exercendo algum tipo de poder sobre pessoas ao seu redor.

Saber que tais traços e características existem não significa incentivar que a escola e seus profissionais adotem uma postura capacitista de encaminhar para diagnóstico os alunos que não se "enquadrarem" nos modelos de comportamento e rendimento padronizados e esperados por professores e pedagogos. Muitos de nós podemos, durante nosso processo de desenvolvimento, apresentar algum comportamento antissocial, mentir, responder nossos problemas vividos com alguma agressividade, e mais uma outra das características acima e, mesmo assim, não nos tornamos psicopatas. Somente no caso de professores e pedagogos perceberem que algum de seus alunos apresentam as ações e comportamentos listados anteriormente com constância, intensidade e gravidade que a escola deverá assumir sua função social de conversar com a família e dar um encaminhamento para que o aluno possa ser ajudado, para evitar danos para ele e para as pessoas que se encontram em seu entorno.

Isso nada tem que ver com capacitismo, mas sim com nosso desejo de iniciar, o quanto antes, uma terapia que possa melhorar a condição de vida dos sujeitos psicopatas, diminuindo seus déficits cognitivos já que, segundo Yang e Raine (2018), é mais fácil moldar a função cerebral dos psicopatas no início da vida, na infância e na adolescência do que na idade adulta. Evidentemente que não estamos fazendo uma falsa promessa de cura da psicopatia, mas criando possibilidades para melhoria da condição de vida desses sujeitos. Um pouco mais a frente partiremos para a discussão de situações vividas com Pedro de maneira a exemplificar algumas situações que os professores podem ter que lidar no dia a dia com alunos psicopatas.

Vale destacar que a psicopatia é uma condição permanente na vida da pessoa pois, nas palavras de Serafim, Rigonatti e Barros (2020, p.113): "Psicopata é uma maneira de ser no mundo, é uma maneira de ser estável. [E eles] São indivíduos que se separam do grosso da população em termos de comportamento, de conduta moral e ética". Segundo Hare (2013), as pessoas que sofrem de outros tipos de doenças mentais como a esquizofrenia acabam perdendo contato com a realidade, mas o mesmo não se pode dizer dos psicopatas por eles serem plenamente conscientes das ações que executam livremente, sem qualquer tipo de remorso, independente do sofrimento causado a outras pessoas.

Com base em tudo o que foi discutido até aqui poderia o leitor entender que os alunos psicopatas devem ser excluídos do convívio escolar e da vida em sociedade? Em hipótese alguma, especialmente se levarmos em conta que, segundo Viding (2019), a maioria das pessoas que cometem crimes bárbaros não são psicopatas, bem como, diversos psicopatas, nunca cometerão qualquer homicídio em suas vidas. Sem falar que a maioria dos homicidas não são psicopatas. O que precisamos nos atentar enquanto profissionais da educação (e não apenas da Educação Física) é para os riscos que as relações mantidas com/por uma pessoa psicopata podem acarretar na escola para professores, alunos e para o próprio sujeito em questão.

EXISTE TRATAMENTO PARA A PSICOPATIA?

A resposta para a pergunta é não, uma vez que Hare (2013) comenta que na literatura disponível sobre psicopatia não há qualquer menção para tratamentos que funcionem para esse transtorno mental. Segundo ele, as passagens mais comuns de se encontrar em livros e artigos que discutem o tratamento do psicopata são: "'Nenhum tratamento efetivo foi descoberto até agora' ou 'Nada funciona'" (HARE, 2013, p. 199).

Apesar dessa afirmação não podemos deixar de trazer ao conhecimento do leitor que, a partir do momento que Pedro passou a ingerir regularmente (conforme informado pela família) alguns medicamentos receitados por seu psiquiatra (Risperidona, Ritalina e Citalopran) o TDAH, os delírios e a agressividade foram amenizados de acordo com relatos de seus professores e da pedagoga que o acompanhavam. Além disso, o envolvimento em conflitos físicos, que eram a regra antes de se iniciar a terapia em questão, se tornaram incomuns.

Em suma, por mais que saibamos da inexistência de terapia e/ou medicamento que atualmente trate com efetividade a psicopatia, percebemos, com base no acompanhamento ao qual Pedro vem sendo submetido, que alguns avanços foram alcançados. Convém lembrar ainda que a promoção de cura não é papel da escola e de seus professores (e nem mesmo os profissionais da saúde podem prometer cura para

quem quer que seja, independentemente de sua condição). A escola e seus profissionais precisam enxergar e compreender que no sujeito psicopata existe uma forma outra de vida, um outro jeito da pessoa estar na vida. Nesse sentido, insistimos, não em mais um olhar sobre a psicopatia, mas um olhar outro junto aos sujeitos psicopatas. Um olhar de compreensão e acolhida no processo educacional.

Cabe à escola e aos seus professores garantir o pleno desenvolvimento do educando (psicopata ou não), como preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e isso deve ser feito compreendendo a condição do sujeito psicopata e sua maneira de interagir com o mundo. É sobre essas questões que discutiremos nas duas seções a seguir.

O QUE SIGNIFICA TER UM ALUNO PSICOPATA NAS AULAS

Uma característica muito comum no *modus operandi* dos alunos psicopatas é a propensão à mentira, seja pelo simples prazer de enganar, seja para conseguir trazer para si a atenção que eles julgam merecer (HARE, 2013). A seguir apresentaremos alguns exemplos sobre como isso se manifestou nas relações mantidas por Pedro com os demais membros da comunidade escolar, com especial destaque para suas ações junto aos professores e seus colegas de sala.

Em um primeiro caso Pedro mostrou alguns *prints* de desenhos feitos à mão de personagens de desenhos animados, super-heróis e animes que, segundo ele, seriam mostras de seu dom para o desenho. Como seu professor de Educação Física gosta e tem muitas camisas de super-heróis, ele cansou de vê-lo trajado com camisas do Homem de Ferro, do Shazam, do Homem Aranha, dentre outros. O problema é que o professor de Educação Física descobriu, sem querer, por meio de uma conversa realizada com a professora de Artes que os tais desenhos do celular não poderiam ser de Pedro. Ao que parece o referido aluno acreditou que seria dada uma atenção especial para ele caso o docente acreditasse que ele era um grande desenhista. Apesar de se tratar de uma mentira, ela não traria maiores consequências para qualquer pessoa caso ela não fosse descoberta. O mesmo não se pode dizer do caso relatado a seguir.

Em outra ocasião Pedro conseguiu convencer o docente de História, recém-contratado, que ele sofria com violência e maus tratos de sua família e que sua mãe teria apontado uma arma de fogo para ele. Pedro ficou tão excitado com toda a atenção dada pelo professor que passou a aprofundar e exagerar cada vez mais nas mentiras chegando ao ponto de quase levar o professor a fazer uma denúncia contra seus familiares no Conselho Tutelar. Contudo, seus relatos não correspondiam à realidade uma vez que sua mãe mantinha presença assídua na escola, era conhecida por todos os profissionais da escola e havia sido retratada, até mesmo por Pedro durante meses e meses, como uma mãe carinhosa, cuidadosa e atenciosa. Ao perceber que o professor novato da escola lhe dava o protagonismo e a atenção que desejava Pedro não mediu se a história que ele estava inventando prejudicaria seus familiares e/ou seu professor.

Quando confrontado com a verdade pela professora da educação especial que o conhecia (e também sua família de longa data) Pedro agiu de maneira absolutamente tranquila, ignorando a fala da interlocutora como se ele nunca tivesse falado aquilo. Sobre essa questão Hare (2013, p. 62) nos alerta que "A indiferença do psicopata quanto à identificação da mentira é realmente extraordinária; isso faz o ouvinte questionar a sanidade do falante. No entanto, com mais frequência, o ouvinte é levado na conversa".

Um terceiro episódio que relembramos foi quando durante quase um mês inteiro Pedro falava que estava desenvolvendo um jogo de tabuleiro e que queria apresentá-lo ao professor de educação física para que o mesmo desse a sua opinião sobre o que achava do jogo. Certo dia ele teve a oportunidade de mostrá-lo em sala de aula e para surpresa de todos da turma o tal jogo "inventado" e "super original" nada mais era do que uma cópia do conhecido Banco Imobiliário. A única diferença era a substituição de nomes das ruas do jogo tradicional por outras que ele conhecia. Questionado que sua invenção parecia muito com o famoso jogo e perguntado se não o havia experimentado alguma vez na vida Pedro negou com a maior tranquilidade do mundo, dizendo que nunca nem havia ouvido falar de Banco Imobiliário. Contudo as semelhanças diziam exatamente o contrário, tendo em vista que até mesmo as cartas de sorte e revés também existiam em sua "invenção".

As mentiras de Pedro não ficaram restritas ao relacionamento aluno-professor uma vez que ele também buscava alcançar a admiração dos colegas de sala contando mentiras em série: quando estavam conversando sobre música ele emendava uma história para lá de mirabolante sobre como conheceu Ivete Sangalo e Pablo Vittar, ícones da música brasileira; se o assunto era futebol ele afirmava com veemência que Cristiano Ronaldo e Messi o seguiam nas redes sociais; e a assim por diante.

Os maiores conflitos presenciados pelo professor de educação física envolvendo Pedro e algum membro de sua turma, não se restringiram à tentativa dele de ganhar a admiração dos colegas; tais situações ficaram circunscritas em torno de uma disputa tácita com Lúcia (cujo nome usado aqui é fictício, para

preservarmos sua identidade) pela atenção do estagiário que acompanhava um aluno autista da turma deles. Lúcia nutria uma paixão adolescente (não correspondida), por um estagiário que, sempre que os professores precisavam dava apoio para o aluno autista e para Pedro. Por sua vez, percebendo o interesse de Lúcia no estagiário, Pedro fez de tudo para tornar a vida de sua colega bem difícil, provocando uma série de atritos com ela.

Um deles foi causado após Pedro tocar repetidas vezes no penteado afro de Lúcia, mesmo sabendo que ela não gostava que fizessem isso. Não fosse a intervenção imediata do docente de Educação Física, Lúcia, que era maior e bem mais forte que Pedro, possivelmente o teria agredido seriamente. A impressão que o professor teve é que a ação de Pedro visava única e exclusivamente tirá-la do sério, fazendo tudo o que fosse preciso para isso, até mesmo sair da situação agredido, machucado. Valeria a pena se fosse para Lúcia receber uma suspensão, talvez até mesmo uma expulsão da escola.

Sabendo que deixava Lúcia enciumada, Pedro fazia diversas falas direcionadas ao estagiário como "Vou comprar ele pra mim", "Vou pagar para ele ser meu estagiário particular", entre outras. Outra vez ele conseguiu fazer com que Lúcia fosse desacreditada pela maior parte dos docentes e chamada a atenção muito seriamente pela pedagoga por uma suposta, mas não comprovada, presença de fotos que ela teria tirado escondido do estagiário em sala de aula. Nesse dia, após ser o primeiro dispensado de uma reunião da qual participou com Lúcia e a pedagoga da escola para "apurar os fatos" das fotografias no celular, Pedro foi flagrado por outros professores sorrindo pelos corredores e demonstrando uma imensa felicidade por acreditar que Lúcia poderia ser suspensa, fato que não ocorreu.

Com base nas situações descritas acima e da informação apresentada na introdução deste texto de que após ingressar em uma terapia (que incluiu, mas não se limitou à ingestão de alguns medicamentos, mas também ao acompanhamento psiquiátrico periódico) podemos dizer que Pedro praticamente zerou seus envolvimentos em conflitos físicos provocados por iniciativa dele na escola. Com base nesta constatação podemos dizer que, ao contrário do que a pedagoga afirmou no primeiro dia de trabalho ao docente de EF (que "[...] nunca se sabe o que ele [Pedro] é capaz de fazer"), é sim possível prever o comportamento dos alunos psicopatas em tratamento e se preparar para lidar com isso.

A não ser em casos mais sérios, como no episódio do professor de História e em situações nas quais pessoas da comunidade escolar podem ser colocadas em situações muito vexatórias, como o ocorrido com Lúcia, o ato reiterado de contar mentiras por psicopatas não trazem grandes riscos físicos para professores e alunos. Ainda assim consideramos importante que professores (independente da disciplina que lecionam) e pedagogos que trabalham com alunos que se encontram em processo de diagnose da condição de psicopatia, conheçam e compreendam as principais características das pessoas psicopatas e seu modo de interagir com o mundo para que eles possam saber como lidar com as situações que se apresentam.

Quanto às aulas de Educação Física, existem alguns conteúdos que podem potencializar comportamentos de risco assumidos por sujeitos psicopatas e/ou pelos demais alunos nas aulas dessa disciplina. É sobre isso que trataremos a seguir.

CONTEÚDOS A SEREM EVITADOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA CUJA A PRESENÇA DE ALUNO/A PSICOPATA SEJA CONHECIDA

Antes de discriminar conteúdos que podem trazer riscos para a integridade física de quem participa das aulas de Educação Física, é importante apresentar as constatações de Viding (2019), para quem os psicopatas apresentam uma experiência atípica de recompensa social: eles não demonstram prazer em ser gentis, nem em manter relacionamentos próximos com alguém. Essas características podem influenciar na participação e nas ações desses indivíduos em diversas atividades físicas que envolvam interação, participação, colaboração. Elas não trazem maiores problemas quando o docente de Educação Física trabalha com conteúdo como danças, brincadeiras, jogos, esportes em geral, lazer e ginásticas.

A participação de Pedro durante o ano letivo de 2021 nas aulas (que tiveram como conteúdo principal esportes, jogos, lazer e brincadeiras) aconteceu sem maiores problemas ou riscos observados para si e para outrem. É importante lembrar que o ano em questão ainda estava um pouco afetado pelo necessário distanciamento social, pela recomendação de não compartilhamento de materiais de uso comum nas aulas (como bolas, bambolês, entre outros) e pela adoção de práticas constantes de higiene que evitassem a disseminação do vírus da COVID-19 como a higienização com água e sabão, desinfecção com álcool 70). O mesmo certamente não poderia ser dito se o professor tivesse trabalhado conteúdos como lutas e práticas corporais de aventura/radicais, como veremos a seguir.

Uma pesquisa realizada por Endresen e Olweus (2005) apontou a existência de uma via de mão dupla na participação de adolescentes com envolvimento antissocial em esportes de lutas, como, boxe,

kickboxing, luta livre, artes marciais e até mesmo em atividades físicas que buscam aumento da força e hipertrofia muscular como musculação, cross training, halterofilismo, entre outras: (1) por um lado, as práticas corporais que envolvem menor socialização, são mais procuradas por indivíduos com envolvimento antissocial; (2) por outro, a participação dessas pessoas nesses tipos de atividades físicas pode contribuir com a manifestação de níveis elevados de comportamento violento fora delas, incluindo brigas e a participação em eventos antissociais não violentos como vandalismo e até roubo. Diante de tais fatos é preciso recomendar que o professor de educação física evite trabalhar com o conteúdo lutas quando souber que possui algum aluno psicopata em sua turma.

As práticas corporais de aventura/radicais representam outro bloco de conteúdos que recomendamos que sejam evitados nas aulas de Educação Física. Mas antes de explicar o porquê é preciso apresentar ao leitor quais são as principais características das mesmas que as tornam arriscadas de se trabalhar nas aulas com alunos psicopatas. Afinal sabemos que esse tipo de prática corporal provoca "[...] sensações e emoções [...] ocasionadas pela incerteza, pelo risco e/ou pelo prazer envolvido com a(s) atividade(s) desenvolvida(s)" (LOUREIRO *et al*, 2018, p. 56-57).

Como a psicopatia costuma estar associada a uma certa imunidade, por vezes até uma certa excitação gerada pelo estresse e/ou pelo próprio medo ou o medo alheio, provocado (SNOWDEN; SMITH; GRAY, 2017), acredita-se que esses sujeitos têm pouco medo de gerar danos para si mesmos e para os outros. Isso pode levá-los a querer correr um pouco a mais de risco que as pessoas não psicopatas. Nesse sentido, trabalhar com o *slack line*, tirolesa, *le parkour*, escalada, dentre outras práticas corporais que envolvem risco aumentado, pode não ser uma boa. Isso porque alunos psicopatas poderão querer ir um pouco mais além de seus próprios limites e gerar dano em si mesmos. Também devido ao poder de persuasão e sedução que o psicopata pode exercer sobre os demais colegas de turma é preciso estar atento para o incentivo e para a influência que eles podem exercer entre seus pares fazendo-os assumirem ações de risco exageradas que podem ameaçar a própria integridade física.

Essa ação de mudança de conteúdos se dá não porque pretendemos extinguir o jeito próprio dos sujeitos psicopatas de estarem na vida, mas sim para preservá-los e para preservar as pessoas à sua volta, sem patologizar esses seres. Também não sugerimos a anulação ou a separação deles em outros espaços da escola. Pelo contrário, acreditamos que é no momento que Pedro se encontrará no campo relacional de produção de felicidade, através da escola, que os professores devem estar sensíveis para todas as pessoas que eles atendem, inclusive o Pedro.

Por fim, nós seres humanos só nos sentimos coletivos quando vivemos e experienciamos a vida com nossos pares. Nesse sentido, é papel da escola fazer com que Pedro nunca deixe de ser visto como Pedro para ser tratado ou intitulado como "o psicopata". Não podemos fazê-lo sumir na experiência e esquecer que ele também tem gostos, preferências, desejos que assim como os demais alunos devem ser atendidos nas aulas de Educação Física sempre que possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível perceber o fato de ter algum aluno diagnosticado (ou com diagnóstico com indicativo de se tratar de uma pessoa) psicopata na escola não se traduz em uma imediata e significativa ameaça de morte para professores e demais alunos da escola. De fato, existem maneiras muito particulares por meio das quais os psicopatas operam com o mundo, especialmente por meio da mentira e da manipulação, que podem afetar a vida dos membros da comunidade escolar.

Professores que derem aula para alunos sabidamente psicopatas devem entender que o ato de mentir para esses sujeitos é a maneira por meio da qual eles agem para alcançar aquilo que eles desejam e/ou para retirar obstáculos de seus caminhos, sem qualquer tipo de remorso pelas ações por eles adotadas. Em geral, quando se trata de uma "mentirinha" como falar que conhece alguém famoso ou tentar assumir para si um feito que não é seu (como uma autoria de um desenho ou de um jogo), não há muito com o que se preocupar.

O mesmo não se pode dizer quando a mentira pode afetar a reputação ou mesmo a profissão de outras pessoas. Ao invés de rotular os psicopatas como *serial killers* é papel de professores e pedagogos conhecerem as principais características desses sujeitos para aprenderem a operar com isso e evitar que os demais alunos e eles próprios acabem sendo envolvidos em situações problemáticas e/ou vexatórias.

Quanto aos docentes de Educação Física recomendamos que os grandes blocos de conteúdos lutas e práticas corporais de aventura/radicais sejam evitados sempre que possível devido à possibilidade de os alunos psicopatas ficarem mentalmente excitados ao realizar e/ou ao ver outros colegas participando dessas aulas. Caso deseje muito trabalhar com esses conteúdos o professor de educação física deve redobrar a

atenção e a segurança tendo em vista que os alunos psicopatas podem se colocar em risco ou levar algum de seus colegas a extrapolar os próprios limites e acabar se machucando com esse tipo de ação.

Por fim, lembrando que o papel da escola é educar e contribuir com o pleno desenvolvimento dos estudantes, independente se eles são psicopatas ou não, esperamos que este relato de experiências sirva de auxílio para professores e estudantes da graduação que trabalhem com alunos psicopatas. Também desejamos que sejam realizadas novas e mais aprofundadas investigações sobre psicopatia, educação e Educação Física, de maneira a contribuir com a construção de conhecimentos teórico-práticos capazes de auxiliar os docentes do chão da escola em sua solitária na lida cotidiana na instituição escolar.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, M.M. *et al*., Lutas para as pessoas com deficiência: uma possibilidade de intervenção na Educação Física. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 21, n. 2, p.107-116, mai./ago., 2017.

CAPENHOUDT, L.V.; MARQUET, J.; QUIVY, R. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 2019.

CHICON, J.F.; SÁ, M. das G.C.S. Inclusão na educação física escolar: considerações sobre a constituição da subjetividade humana. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 41-58, jan./mar. 2011.

COX, R.; MEERTS, J. **An experience report guideline**. 2015. Disponível em: <https://dewt.files.wordpress.com/2016/02/an-experience-report-guideline.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2022.

DUTTON, K. **A sabedoria dos psicopatas**: o que santos, espiões e serial killers podem ensinar sobre o sucesso. Rio de Janeiro: Record, 2018.

ENDRESEN, I.M.; OLWEUS, D. Participation in power sports and antisocial involvement in preadolescent and adolescent boys. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, [S.l.], v.46, n.5, p.468-478, 2005.

FLEXON, J.L.; ENCALADA, T.M. Antecedents to secondary-like psychopathy in noninstitutionalized youth. **The Journal of Forensic Psychiatry & Psychology**, v. 32, n. 4, p. 535-559, [S.l.], 2020.

HARE, R.D. **Sem consciência**: o mundo perturbador dos psicopatas que vivem entre nós. Porto Alegre: Artmed, 2013.

KAUFMANN, J-C. **A entrevista compreensiva**: um guia para pesquisa de campo. Petrópolis: Vozes, 2013.

LOUREIRO, W. *et al*. Radicalizando e aventurando com a Educação Infantil. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 22, n. 1, p. 53-65, jan./abr., 2018.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E.M. **Técnicas de pesquisa**. 9.ed. São Paulo: Atlas, 2021.

SERAFIM, A. de P.; RIGONATTI, S.P.; BARROS, D.M. de. Transtornos da personalidade: aspectos médico-legais. In: LOUZÃ, M. R.; CORDÁS, T. A. (org.). **Transtornos da personalidade**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2020, p.100-118.

SNOWDEN, R.J.; SMITH, C.; GRAY, N.S. Risk taking and the triarchic model of psychopathy. **Journal of Clinical and Experimental Neuropsychology**, [S.l.], v.39, n.10, p.988-1001, 2017. DOI: 10.1080/13803395.2017.1300236.

VIDING, E. **Psychopathy**: a very short introduction. New York: Oxford University Press, 2019.

YANG, Y.; RAINE, A. The neuroanatomical bases of psychopathy: a review of brain imaging findings. In: PATRICK, C.J. (ed.). **Handbook of psychopathy**. 2.ed. New York: The Guilford Press, 2018. p.380-400.

Rua José Neves Cypreste, 740 - apto 104 - Edifício Centauros.
Jardim da Penha
Vitória/ES
29060-300